ANNO I — Pelotas, 19 de Novembro de 1893 — NUM. 20

DEMOCRACIA SOCIAL

Int. Instituut v. Soc. Geschiedenis Amsterdam

Orgão dos interesses do Trabalho

Tiragem 500 exemplares

Trabalhadores de todo mundo, uni-vos !
KARL MARX.

ASSIGNATURA
Na cidade, por mez . . . . . 500 rs.
PAGAMENTO ADIANTADO

PROPRIEDADE E REDACÇÃO DE DIVERSOS
PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ASSIGNATURA
Fóra da cidade, por mez . . . . 600 rs.
PAGAMENTO ADIANTADO

Democracia Social

Sobre a theoria do socialismo

XVI

A objecção mais commum e mais trivial que se póde ouvir contra o socialismo é que este quer abolir ou destruir a familia. Ha ainda muita gente que pensa que com uma objecção destas e com palavrões como *amor livre* e outros o socialismo fique justiçado de ante-mão.

O que ha de verdade nisso ?

A familia de hoje é monogama. Não o foi sempre. Outras fórmas precederam esta.

A monogamia é fundada na senhoria do homem sobre a mulher, com o fim de procrear filhos de não duvidosa procedencia.

Esta procedencia deve ser conhecida, porque esses filhos hão de se tornar *herdeiros dos bens do pai*.

Anteriormente, em época de menor desenvolvimento economico e por isso social, os filhos pertenciam á familia da mãi e não podiam herdar os bens do pai.

A mulher tinha a preponderancia em casa e gosava de eguaes direitos, se assim se póde dizer com referencia a taes épochas.

Nesse ponto de desenvolvimento encontramos ainda, entre outros povos, a maior parte das tribus dos indios.

E' este um estado social muito primitivo e de uma economia muito rudimentar.

Mas com o aperfeiçoamento do trabalho do homem, que teve sempre o encargo de obter o necessario para a casa, assim como o serviço de fóra e a defesa da communidade, e principalmente, quando o homem se transformou de caçador em criador de gado, tornou-se o seu trabalho muito mais rendoso, decrescendo na mesma proporção a significação do trabalho *caseiro da mulher*.

Com esta superioridade economica, com esta riqueza crescente do homem, veio tambem a sua hegemonia em casa e na sociedade e a consequente oppressão da mulher.

Mas tambem veio o interesse do novo e rico senhor de quebrar a antiga praxe segundo a qual os filhos não pertenciam ao pai e não podiam herdar delle. Uma vez que os filhos puderam herdar do pai, triumphou a monogamia.

A base desta fórma da familia é a soberania do homem e o fim é constituir filhos, como nós diriamos hoje, *legitimos* do pai, para serem seus herdeiros.

Comprehendemos agora a causa da oppressão da mulher.

Encontramos essa fórma da familia, na sua maior dureza, nos gregos dos tempos heroicos.

Ahi a mulher vivia numa solidão completa, quasi prisioneira do homem.

Ella era a principal creada do seu marido.

Como estamos vendo, não foi o amor individual dos sexos a causa que originou esta fórma da familia

Muitas têm sido as phases da monogamia até hoje. Esta fórma da familia foi o resultado de um certo desenvolvimento economico e social. E assim como a sociedade desde esses tempos se desenvolveu, assim tambem a familia monogama aperfeiçoou-se muito e principalmente nos tempos modernos. A familia é sempre o reflexo do estado social de um povo.

A familia de hoje, apezar de todos os progressos, mostra-nos a mulher ainda numa grande oppressão e dependencia economica, social e politica, differente em intensidade nos diversos paizes.

A mulher na Europa gosa de mais direitos e de mais estima que a mulher da America do Sul.

Na America do Norte as mulheres já têm conquistado até direitos politicos. A tendencia para a egualdade economica, social e politica dos sexos existe innegavelmente nos paizes de cultura adiantada

A monogamia foi originada por factos economicos. E está provado que desde o principio até hoje o matrimonio da monogamia foi dominado por interesses economicos.

O amor individual dos sexos, a grande conquista da meia edade nunca foi tão forte de fórma a poder quebrar esta lei. Ainda hoje o casamento por amor é excepção, pelo menos na classe possuidora.

Pelotas, 18 de Novembro de 93.

G. S.

A EXPLORAÇÃO

A fabrica Julio Silva & C. tem um regulamento.

Informam-nos que desse regulamento consta, entre outras coisas, o seguinte :

As costureiras que por qualquer circumstancia faltarem um dia á fabrica, são mulctadas em tres mil réis.

Não sabemos se os homens incorrem na mesma multa por identica falta, sendo possivel que não, porque os homens teem um espernear mais prompto.

Mas que isso se désse com os homens seria, não diremos razoavel, mas de uma certa maneira menos horrivel.

Com as mulheres, porém, é abominavel.

A direcção dessa fabrica não deve ignorar que as mulheres nuns dados dias de todos os mezes não se podem molhar. Geralmente não se podem molhar tres dias.

Ora, supponha-se comprehendida neste caso aquella costureira que nós já denunciamos aqui que recebeu pelo seu trabalho de um mez a quantia de 600 réis.

Impossibilitada de se molhar e chovendo tres dias consecutivos, teria de pagar uma multa de nove mil réis, 9$000.

Vencendo 600 réis por mez, ou seja vinte réis por dia, ella teria de trabalhar *quatrocentos e cincoenta dias* para pagar aos Srs. Julio Silva & C. os tres dias que não se pôde molhar.

Poderá dizer quem lê que o ordenado desta costureira foi uma anomalia, mas estamos informados de que estas anomalias — que na realidade o são — dão-se comtudo muito frequentemente naquella fabrica.

Contaram-nos uma outra *anomalia* destas :

Uma costureira tratou uns tantos pares de botinas por 16$000.

Naquella fabrica as costureiras pagam todo o material que gastam, linha, grude, agulhas de machina, etc.

Para o acabamento das referidas botinas havia a costureira gasto na fabrica a importancia de 8$000 de material.

Quando apresentou as botinas, declararam-lhe que aquillo não valia mais de 8$000.

Tiveram a delicadeza de não lhe dizer que o trabalho não valia coisa alguma : disseram-lhe que valia 8$000, que era a importancia do material que ella tinha de pagar á fabrica.

A exploração é flagrante.

E' absolutamente impossivel um trabalho qualquer, depois de executado, valer sómente a importancia do material gasto nelle. Ou ha de valer mais ou menos. Ou a costureira tinha estragado o material e nesse caso tinha de o pagar, ou não o estragou e então o trabalho valia alguma coisa.

A costureira não estragou o material, visto que não lh'o cobraram e não só isso, porque que-

rendo se despedir, por este facto, a direcção da fabrica insistiu para que o não fizesse.

Então a costureira serve, mas serve de graça!

Isto póde ter o nome que quizerem, menos o de honestidade.

—

A sociedade — e especialmente a nossa, não acostumada ainda a ver estas coisas descutidas em publico — tem para isto um encolher de hombros indifferente, entendendo, na sua logica egoistica, que estes factos dão se entre duas partes contractantes, com o consentimento de ambas, e que portanto um terceiro não tem nada que ver com o caso.

Mas quando dois cidadãos se esfaqueiam, tambem com previo accordo, a sociedade intervem e mette um na cadeia.

Quando um sugeito encontra outro e lhe pede a bolsa ou a vida, tambem ha um accôrdo, ha até um direito de escolha, e a sociedade intervem e prende o delinquente.

Pois se a sociedade intervem nestes factos, porque è que não ha de intervir nestas iniquidades do salario que é um phenomeno da mesma natureza?

A sociedade no assassino e no ladrão directo vinga sempre o fraco que foi victima da força absoluta ou circumstancial do outro.

Porque è então que a sociedade não vinga este outro fraco, victima do salario, que é todos os dias usurpado iniquamente pelo capital?

Então a sociedade tem duas logicas? !

Então a sociedade tem um sentimentalismo estudado, convencional, uma commoção official para umas determinadas injustiças, e para outras tem um bocejar suino, um encolher de hombros lorpa, de indifferença de bebado?

Não, não póde ser!

E quando o possa ser, quando o seja mesmo, aqui estamos nós — excepção embora — para protestar em nome do direito, em nome da justiça, em nome da razão, contra todas estas iniquidades, contra todas estas usurpações, contra todas estas ladroeiras.

Para isso nasceu a *Democracia Social* e nesse papel ha de morrer.

Opinião sensata

O Sr. Dr. Ferreira de Araujo, general em chefe da *Gazeta de Noticias* (deixem passar a expressão, que se accommoda ás predilecções guerreiras da actualidade) escreveu recentemente naquella folha um artigo sobre as futuras (?) eleições de deputados, encerrando conceitos muito sensatos sobre os deveres do eleitor.

Desse brilhante documento do bom senso do illustre jornalista extrahimos o seguinte incisivo trecho:

« O abstencionismo em eleições, mal antigo, tem-se aggravado de um modo assustador, pela convicção em que está toda a gente de que é o governo que designa os deputados.

Ora, é por este processo que as nacionalidades mal organisadas acabam de desorganisar-se, renunciando aos seus direitos, e deixando de cumprir os seus deveres.

O exercicio do voto não nos parece que seja, como de ordinario se diz, o primeiro dos direitos do cidadão; pensamos que é o mais grave dos seus deveres.

Por egoismo considera-se o voto um direito; por altruismo considera-se essa funcção um dever, que consiste em tomar cada cidadão a sua parte de responsabilidade no governo do paiz.

Em estado de sitio, as circumstancias são excepcionaes, diz-se; o cidadão está sob a pressão de praticas arbitrarias, que a nenhuma lei obedecem, a não ser o capricho de quem governa.

O argumento seria valioso se, fóra do estado de sitio, algum dia neste paiz se tivessem feito eleições livres, se alguma vez ellas tivessem significado outra cousa, a não ser a vontade do governo.

O meio de sahirmos disto não é fazendo revoluções, nem reformando todos os dias a lei e os regulamentos eleitoraes; o meio é ir toda a gente ás urnas dar o seu voto, e fiscalisar a apuração, e protestar quando esta fôr viciada, e na eleição seguinte recomeçar e insistir, e assim por uma série não interrompida de esforços perseverantes obter o que de outro modo nunca se obterá.

Ora, como isto é trabalho longo, quanto mais cedo o começarmos, melhor; tanto mais cedo chegaremos a algum resultado.

E por isso não importa que comecemos nas circumstancias actuaes. Pelo contrario, quanto mais difficeis forem as circumstancias, tanto mais valioso será o exemplo de civismo dos que se não importarem, nem com a ameaça do estado de sitio sempre pendente, nem com o troar dos canhões, que em sua cegueira bem podem vir ferir em terra nesse dia o cidadão que estiver cumprindo o seu dever. »

O experimentado guerreiro de cem incruentas campanhas jornalisticas assim conclue as suas brilhantes considerações sobre o papel do eleitor:

« Em um paiz que pretende ser governado pela opinião, a camara que fôr composta só de designados, é uma corporação sem valor algum, e a responsabilidade desse mal cabe a todos e a cada um dos cidadãos que, não indo ás urnas, concorre para que a opinião livre não seja legitimamente representada. »

OFFERTA

O nosso amigo Sr. João Pereira Gonçalves, prestimoso agente desta folha na cidade visinha, acaba de offerecer-nos um exemplar da defesa produzida pelo Sr. capitão Febronio de Brito no processo em que era réu o capitão Jayme da Silva Telles e autor o general Honorato Candido Ferreira Caldas e cujo julgamento se effectuou ha sete annos na cidade de Uruguayana.

Este trabalho do conhecido e erudito militar constitue uma brochura de 54 paginas, que honra as officinas do *Echo do Sul*, onde foi impressa.

Nossos agradecimentos ao digno offertante.

LUCTADORES MORTOS

Conforme já noticiamos, os socialistas de Paris, por occasião do enterramento de Benoit Malon prestaram-lhe as mais significativas e elevadas homenagens, a que o illustre philosopho e sympathico democrata tinha incontestavel direito pelo seu saber e pelo seu caracter.

Outro luctador da cruzada empenhada em prol dos direitos do proletariado, fallecido no mesmo tempo que Benoit Malon, teve por parte dos nossos co-religionarios daquella capital o mesmo tributo de apreço, o mesmo preito de saudade — justo premio de dedicados serviços á mais digna das causas —, attestando desta fórma mais uma vez os factos quão vivo é o sentimento de fraternidade que une os socialistas.

Chamava-se elle, o obscuro filho do povo, como filho do povo era Malon, Jean Corriére e exercia a profissão de cocheiro.

Tratando das ceremonias do enterramento de ambos, diz Xavier de Carvalho:

« O enterro de Benoit Malon foi uma das mais bellas manifestações que os socialistas têm realizado nestes annos ultimos em Paris.

Um extraordinario concurso de pessoas, amigos e admiradores do grande morto, seguiam em filas compactas o carro funerario que desapparecia sob centenares de corôas, algumas dellas lindissimas, como a do *Seculo*, de Lisboa, feita de flôres naturaes, com largas fitas vermelhas.

Benoit Malon foi incinerado no forno crematorio.

Junto do lugubre edificio, debaixo de cem estandartes vermelhos, discursaram todos os chefes do partido socialista. Clovis Hugues recitou uma poesia maguiffica.

Magalhães Lima devia tambem orar, mas no cemiterio achou-se de tal maneira impressionado com a morte do seu amigo, que sahiu do recinto pelo braço de Cipriani, sem pronunciar uma palavra.

O redactor do *Seculo* tinha em Benoit Malon um dedicadissimo amigo.

No mesmo dia e á mesma hora, enterrava-se em Saint Ouen, outro cemiterio parisiense, o pobre Corrière, o cocheiro orador das reuniões publicas e organisador das *grèves* da Companhia Geral.

Os cocheiros de Paris, em numero superior a 3.000, acompanharam á derradeira morada os restos mortaes do amigo e companheiro. »

REPRODUCÇÃO

Por ter sahido com alguns erros no numero passado, reproduzimos hoje, devidamente corrigida, a poesia *Duas nobrezas*.

Mulheres socialistas

Accelera se na Europa por parte das mulheres o movimento em prol das idéas socialistas.

Constituio-se ha pouco entre as senhoras socialistas da Hollanda e da Belgica uma liga destinada a defender os direitos e os interesses das mulheres do povo.

A nova liga feminina fundou em Gand um orgão especial, *De Vroux*, publicação mensal da direcção das Sras. van Kol, esposa de um engenheiro distincto, e Emilia Clacys, que fez parte do conselho geral do partido operario belga.

O manifesto das senhoras socialistas termina assim:

« A' Liga Belga do direito da mulher diremos: Abandonai a vossa reserva aristocratica e estendei a mão ás mulheres que lutam pela conquista dos seus direitos; ás operarias diremos: Calai os vossos ressentimentos de partido e estendei as mãos ás mulheres que lutam pelos seus direitos. »

Propaganda republicana

O *Diario Popular*, a proposito do anniversario da proclamação da republica, publicou um editorial que no tempo da propaganda republicana poderia fazer effeito, mas que hoje não o faz, editorial todo impregnado de idéas acres em relação aos Braganças, Coburgos e Orléans, o velho teiró da folha governista, que anda sempre a ver o espantalho dos representantes do regimen decahido por toda parte, transformado cada um delles, por uma magia de espiritismo, em uma especie de *mão do finado* ..

Esta preoccupação do *Diario* tornou-se uma verdadeira obsecção, pois em nenhum dos seus artigos politicos deixam os Orléans de ser zurzidos como os causadores de todos os males que pesam sobre a patria, podendo assim dizer-se, muito a proposito, *que paga o francez o mal que não fez*...

Referindo-se á queda do throno, diz o contemporaneo :

« Arrastou comsigo toda essa geração de parasitas, que viviam da vida do povo, insultando-o sempre, sempre vergastando-o, para vêrem até onde iria o desespero. »

Ora, qual ! Os parasitas que o *Diario* via no tempo da monarchia e que hoje parece-lhe não existirem ahi estão de pé da mesma fórma e pensamos mesmo que até mais desenvolvidos, graças ás facilidades creadas pelo novo regimen, ás concessões de toda ordem feitas pelo Governo Provisorio, do qual só um membro, o Sr. Francisco Glycerio, em poucos mezes comprometteu o paiz em mais de 700 000.000$000 com garantias de juros, graças, repetimos, ás gordas propinas para viagens principescas de afilhados que vão à Europa passear a sua falta de saude ou o seu excesso de luxo, á creação de empregos absolutamente desnecessarios (e nesta cathegoria incluimos os que antigamente eram exercidos gratuitamente e hoje são pagos á farta), ao augmento do subsidio dos deputados, ministros, governadores, etc., graças, finalmente, ao filhotismo, ao compadresco, que continuam a imperar, exercendo a sua influencia funesta em todos ramos da publica administração, em todos os misteres da vida social !

Conclue o *Diario* a sua prelecção republicana com esta tirada em referencia ás monarchias européas :

« Essa miseria que escravisa ainda a Europa a meia duzia de familias, que representam, em pleno seculo XIX, os hemovoros, porque sugam o sangue de milhões de homens, que dizem seus subditos... por direito divino.. »

Não ha duvida que tudo isso que está ahi è verdade, mas não é menos certo que as republicas que lá existem não são melhores que os paizes que têm governos dynasticos : ellas alimentam tambem os taes hemovoros, que sugam o sangue, a vida, a liberdade de milhares de homens que dizem seus escravos... por direito divino...

São os expoliados de todas as liberdades, de todos os direitos humanos pela tyrannia do capital, são as victimas da actual ordem social, são os que trabalham para outros terem os estomagos fartos, esses mesmos estomagos que empurram para o cérebro as idéas que governam tanto as monarchias como as republicas —, ramos da mesma arvore maldita que, se fossemos o *Diario*, diriamos plantada pela mão fatidica de algum Orléans hemovoro...

A. R.

DE VIAGEM

Está de viagem para Porto-Alegre o nosso amigo Sr. Jacob Guilherme Schmoll, que para ali transfere a sua residencia.

Lamentando a ausencia do esforçado companheiro, fazemos votos por que veja coroadas de bom exito naquella capital as suas justas aspirações.

GRÈVE DE MINEIROS

Numa correspondencia de Londres para um jornal do Rio de Janeiro encontramos o seguinte sobre a *grève* dos 300.000 mineiros inglezes de que não ha muito demos ligeira noticia ;

« O assumpto que na actualidade interessa profundamente a Inglaterra é aformidavel *grève* dos mineiros, *grève* monstro que parece transformar-se n'um começo de guerra civil.

E' uma luta de gigantes entre os 300.000 trabalhadores das minas e organisados e disciplinados em todo o *Trade-Union* e sobretudo pela *Miners Federation* contra a associação dos proprietarios das minas de carvão, senhores de 240 minas.

Dois dos mais autorizados membros do parlamento, os Srs. Woods e Rendell, deputados por circulos mineiros e conhecendo bem os interesses em jogo, dão razão aos operarios contra os patrões.

Woods dizia ha dias num *meeting* em Ashton-Heath :

« Os proprietarios das minas aproveitam-se da fraqueza dos operarios para os reduzir pela fome.»

Rendell, deputado de Gower, diz que não julga que a *grève* termine tão cedo, muito pelo contrario. Os operarios não cedem e estão com as caixas economicas de resistencia bem fornecidas de dinheiro para fazer frente a todas as eventualidades durante um mez ou mais. Durante este periodo os patrões devem reconsiderar e hão de acabar por capitular.

Entretanto as manobras patronaes redobram de vigor. Os delegados do Sliding Scale Committée (comité para a proporcionalidade dos salarios) lançaram uma proclamação aos operarios, convidando-os a voltar ao trabalho. Mas o movimento grevista accentua-se, pelo contrario, cada vez mais.

A circular não produzirá effeito algum.

As grandes casas de carvão de Londres são do opinião que o movimento *grevista* foi provocado pelos proprietarios das minas com o fim de poder vender a preços exaggerados os grandes stocks de carvão, que possuiam de ha muito. Mas esta manobra lança milhares de familias na miseria.

Sempre a rapina do capital contra o trabalho ! (*)

O preço do carvão tem subido espantosamente em Londres. A companhia do *Great Northern Railway* suspendeu já 30 trens de viajantes e de mercadorias, por falta de carvão.

No mercado do carvão em Londres ha apenas 27 toneladas ; de maneira que se principia a reclamar carvão das minas dos Estados-Unidos e da Belgica.

A situação é de tal ordem grave que quasi todas as bacias carboniferas estão occupadas militarmente.

Acabam de partir para Cardiff e Newport 4.000 homens de infanteria e 2 000 cavallos, todo o valle de Rhondda, onde os grévistas têm atacado à paulada e a tiro os mineiros não grévistas, está agora occupado militarmente. Moriston está em estado de sitio.

Pelo *Labour Gazette* e pelas ultimas communicações da camara de commercio de Manchester podemos determinar os pontos principaes da estatistica da *grève*.

Ha na Inglaterra, Escossia e Irlanda 649.714 mineiros que trabalham quer no fundo, quer na superficie das minas. No momento actual ha 300 000 em *grève*, mas se o movimento se prolonga e ganha os districtos mineiros de Northumberland e Durham, a *grève* tornar-se ha geral.

Os patrões terão de capitular e serão vencidos.

A extracção do carvão diminuiu de 5 0/0 e subiu de preço quasi de um terço !

Espera-se agora a declaração de *grève* dos trabalhadores das docas.

Quem descarregará depois o carvão reclamado dos Estados-Unidos e do continente ? »

(*) Quem diz isto é o correspondente ; não se pense que somos nós.

Filhos do Trabalho

Recebemos um convite para o baile realizado hontem nesta sympathica associação, sob o direcção das jovens D D. Alice Nippo, Maria O. da Silva, Zulmira Ferreira e Aurora Sant'Anna.

Muito gratos.

Ilha dos Marinheiros

Hoje não ha ninguem que não conheça a Ilha dos Marinheiros. Entretanto não foi sempre assim.

Houve tempo que a sua existencia era ignorada, mesmo pelos seus visinhos da cidade do Rio-Grande.

Disseram-me que a origem do seu nome vem dos muitos marinheiros que para alli fugiam furtando-se aos contractos ou aos maus tratos, a bordo dos navios mercantes.

Não sei se tal origem é verdadeira.

Foi um velho morador da Ilha que assim m'a definiu.

Os moradores da Ilha dividem-na em quatro partes que são : Fundos, Bandeirinhas, Porto do Rei e Marambaia.

Esta divisão é só em nome, porquanto a sua população não sabe onde termina qualquer das suas partes e onde principia outra.

Tem talvez umas tres leguas de comprimento por uma e meia de largura.

Só as margens são ferteis : o centro, numa enorme extensão, é areia movediça, em comoros enormes, que parecem um oceano agitado por ventania corrida.

Corre como certo que esta areia é proveniente de uma praga que um padre lançou sobre a Ilha, por uma picardia que moradores della fizeram a elle padre.

Isto è lenda entre os velhos de lá e é mau a gente metter-se a discutir estas coisas.

A Marambaia, uma das partes

DUAS NOBREZAS

Neto de cem avós de nome conhecido !
Herdeiro de esplendor da lança e da couraça !
Eu tenho, como tu, em cima do appellido,
Tambem o meu brazão e o timbre de uma raça !

Tu mostras de teus paes a historica estatura
A semear de gloria o chão da heroicidade ;
Eu mostro o braço vil de minha *gens* obscura
A grangear no solo o pão á humanidade !

E dessa gloria até, si se lhe chega ao fundo,
Tambem cada um de nós o espolio lhe arrecada ;
Tu dizes : Foi meu pae quem conquistou o mundo !
Eu digo : Foi o meu quem lhe forjou a espada !

Homem de sangue azul ! Eu, o vilão provado,
Que quando a vista atraz um seculo volvesse,
Não poderia achar nas trevas do passado
Nem um ninho siquer no qual meu nome lesse,

D'erguida fronte, digo : Em cousas de grandeza,
Collega, dá-me a mão ! Tu vales o que eu valho :
A tua vem do rei e chama-se—a Nobreza !
A minha vem do povo e chama-se—o Trabalho

Claudio José Nunes

da Ilha, é habitada por brazileiros : as outras tres são todas habitadas por portuguezes.

Ao entrar-se lá, parece que se está numa aldeia portugueza.

Os brazileiros formam uma pequena minoria constituindo umas vinte ou trinta familias, acantonadas num pequeno espaço. São todos pescadores. Os outros, os portuguezes, são todos agricultores.

Aquellas amenidades usadas entre os dois povos, tratando-se de gallegos, bodes, etc., são lá trocadas todos os dias, com mais intensidade da parte dos brazileiros, como acontece com todas as minorias. E' um lugar feliz.

Não tem igreja, não tem policia, não tem politica.

Estas tres coisas, que até hoje fazem a desgraça humana, não existem lá. Não se ouve latim, não ha prisões, nem se fazem eleições.

Povo feliz !

Ahi por 1870 a 1872 conheci lá uma escola regida por um velho Brito, homem muito velho, que deve ter morrido.

Pouco tempo depois houve uma outra regida pelo Sr. Luiz Antonio da Rocha Fraga, que ainda é vivo e que foi ultimamente agente da colonisação no Rio Grande.

Tem lá tambem um principio de igreja particular. Nunca se acabou e nunca vio padre.

Lembro-me dum assassinato occorrido lá.

Ainda assim é de mais para um povo que não tem igreja, nem politica, nem policia.

JACOME BICALHO.

Registro de entradas

Recebemos esta semana a visita da *Gazeta Serrana*, folha semanal que se publica na Cruz Alta, sob o commando do Sr. Nicolão Parrella Catalano, e o *Clarim*, periodico critico e litterario, de propriedade do Sr. A. Braúna, que apparece no Rio-Grande.

ANEDOCTA

Um commerciante estrangeiro, um desses judeus do Brazil, burro mas com grande talento para a pilhagem legal e mesmo illegal, costumava quando tirava as contas dos freguezes, no fim do mez, collocar a data do anno no cimo dos algarismos que representavam as importancias gastas pelo freguez, e sommava tudo junto.

Assim se a conta era de 30$000 e o anno era de 1884, o sugeito pagava 31$884 reis.

Sabem o que a sociedade deu a este gatuno ?

Deu-lhe dinheiro, muito dinheiro ; está rico.

E a policia, sabem o que a policia fez delle ?

Fel-o barão.

MORALIDADE :

Em primeiro lugar :

Quanto mais burro, mais peixe

Em segundo :

A noção de cavalheiro
E' igual á de ladrão,
Se não se tratar de um cão,
Mas de quem tiver dinheiro,

EXPEDIENTE

São responsaveis pelos artigos ou noticias publicados nesta folha os Srs. Guilherme Sauter, João Tolentino de Souza e Alberto F. Rodrigues.

Os artigos assignados representam, porém, a responsabilidade de seus autores.

—

As reclamações relativas a irregularidades que se deem na entrega desta folha devem ser dirigidas á rua Santa Barbara n. 2, onde está estabelecido provisoriamente o nosso escriptorio, ou á rua Sete de Setembro n 34 (em frente ás Duas Mil Peneiras).

As pessoas que a tenham recebido e não a quizerem assignar podem devolvel-a a qualquer destas duas casas.

—

A *Democracia Social* vende-se avulsamente, a 160 réis o exemplar, no kiosque *Guarany*, em frente a Copa-Cabana, e na alfaiataria Vieira.

ANNUNCIOS

FRANCISCO MARQUES

SECCOS E MOLHADOS

No estabelecimento commercial de Francisco de Paula Marques, na praça Constituição, encontra-se tudo quanto diz respeito ao sortimento de uma casa bem montada : generos das colonias e extrangeiros, bebidas superiores, entre as quaes vinhos das mais afamadas marcas, café moido, conservas, etc.

Pesos e medidas garantidos e preços muito convidativos.

EUGENIO FRANCO

Açougue

Carne de superior qualidade, descançada e gorda, encontra-se sempre á venda no açougue de Eugenio Franco, no Mercado, quarto n. 8.

GARRAFAS VASIAS

Compram-se por bom preço garrafas vazias de vinho Bordeaux, no armazem de vinho nacional, á rua Conde de Porto Alegre n. 16, em frente ao trapiche Conceição.

ALFAIATARIA VIEIRA

DE

Manuel Fernandes Vieira

Nesta officina, montada a capricho, recebem-se encommendas de roupa para cortar e a feitio, garantindo-se promptidão e esmero na execução dos trabalhos.

Dispõe de completo sortimento de casimiras dos mais lindos e variados padrões.

Todas as obras são pagas á vista.

Rua Sete de Setembro n. 54

SERRALHEIROS

Precisa-se de officiaes na officina de Ramon Badia, á rua Sete de Setembro n. 64.

GENTIL DOS SANTOS

Encarrega-se de concertar, fazer, lustrar e empalhar moveis, attendendo a chamados para qualquer serviço da sua profissão.

Perfeita execução nos trabalhos e modicidade em preços.

Rua Paysandú n. 45

FERNANDO BROCKSTEDT

CURTUME NA LOMBA

Grande sortimento de cabritilhas, bezerros tintos, vaquetas desfloradas e outros artigos de superior qualidade, a preços sem competencia.

Manuel Bonito

CAFÈ E BEBIDAS

Superior café com e sem leite e excellentes bebidas serve a qualquer hora o conhecido Manuel Bonito no quarto n. 8 do Mercado.

ALFAIATARIA LUZITANA

DE DOMICIANO PEDREIRA

Acaba de abrir-se á rua S. Miguel n. 143, onde foi o Salão Republicano, esta nova officina, onde se executa toda e qualquer obra com apurado gosto e summa brevidade, a preços muito modicos.

O seu proprietario pede ao publico uma visita, afim de verificar o bem escolhido do seu esplendido e variado sortimento de casimiras francezas.

Frente á loja do Santos

MANUEL PORTELLA & C.

SECCOS E MOLHADOS

Encontra-se sempre neste estabelecimento um completo sortimento de generos do paiz e extrangeiros, tudo de primeira qualidade.

Em vinhos e outras bebidas possue o que de melhor ha no mercado.

Vendas a dinheiro e preços baratissimos.

Rua Sete de Setembro n. 95, esquina da Paysandú.

TYP. DA — DEMOCRACIA SOCIAL.